

INFÂNCIAS E RELAÇÕES DE GÊNERO: UM ESTUDO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Amanaiara Conceição de Santana Miranda¹

Secretaria Municipal de Educação

Suely Aldir Messeder²

Universidade do Estado da Bahia

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre a categoria de gênero na experiência infantil num Centro Municipal de Educação Infantil na cidade de Salvador-BA. A pesquisa vem sendo desenvolvida desde 2015 pela pesquisadora que é professora da educação infantil. A metodologia é de cunho qualitativo com caráter etnográfico postulado por André (1995) tendo como procedimentos metodológicos: observação participante e diário de campo. A pesquisa é aportada numa inspiração fenomenológica baseada nos estudos de Merleau-Ponty (2011) e Machado (2010). A discussão sobre aprendizagem é evidenciada nas reflexões de Diaz (2011), nas problematizações sobre infâncias/crianças e cultura de Pires (2010), Sarmiento (2004), Mead (1962) e Levi-Strauss (1982). Faz-se um intercruzamento com os estudos de gênero a partir de Saffioti (1992), Scott (1995), Messeder (2012), Miranda (2014) dentre outras/os. A pesquisa em andamento tem constatado que as crianças da primeira infância só enquadram-se em padrões indicados socialmente para homens e mulheres quando são requisitadas por adultos ou por outras crianças. Na literatura oficial, recomendada pelo Ministério da Educação (MEC), intitulada Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), no seu volume 2, pode-se verificar em sua leitura a naturalização dos comportamentos de meninas e meninos de 05 e 06 anos de idade, mas a partir da ótica da pesquisadora apresenta-se compreensão do convívio diário com as crianças, assim é a partir da percepção delas mesmas que o estudo em questão está sendo construído/desenvolvido e como também será apresentado no artigo completo.

Palavras-chave: Infâncias/crianças. Vivências/experiências. Educação Infantil. Relações de gênero. Escola pública.

Como docente em um CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil, na cidade do Salvador –BA , observo cotidianamente a percepção das crianças sobre como devem agir socialmente. Um dos exemplos que me fez pensar nos objetivos para construir a pesquisa de doutoramento que vem sendo desenvolvida desde 2015 foi um dia uma aluna de três anos de idade que chegou para mim e disse: - *minha pró, eu quero ser*

¹ Doutoranda do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC/UFBA, Pesquisadora do NGEALC/UNEB e Grupo Enlace/UNEB.

² Doutora em Antropologia, professora do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC/UFBA e do Pós-crítica/UNEB, Coordenadora do Grupo Enlace/UNEB.

menino, porque eu quero brincar de carrinho! E eu a questioneei: - e menina não pode brincar de carrinho, não? E ela respondeu: - *fulana* (se referindo a uma pessoa adulta que atuava na sala do grupo que ela pertencia) *não me deixa brincar*.

Assim fiquei a me perguntar: *a criança da primeira infância teria a linguagem como a fonte mais utilizada no processo de aprendizagem?* A partir do exemplo citado e de outros tantos, cheguei a perceber que as experiências vivenciadas são as fontes mais vivas deste processo.

Dessa forma, ao pensar em estudar sobre gênero na educação infantil entendi que é indispensável: identificar quais as experiências são vivenciadas pelas crianças que desembocam no acúmulo de expressões de gênero.

E para a coleta de dados da pesquisa fez-se necessário pautar-se numa abordagem qualitativa com caráter/inspiração etnográfica, tendo a observação participante, registros escritos e áudio-visuais como principais instrumentos para cartografar as experiências das crianças dentro de um CMEI. De acordo com André (1995) a etnografia, no seu sentido restrito, sugere como um dos requisitos uma longa permanência do pesquisador ou da pesquisadora em campo, o contato com outras culturas e o uso de amplas categorias sociais na análise de dados.

Para estudar as experiências a fenomenologia em Merleau-Ponty (2011) é que fortalece o estudo, porque a criança está sendo estudada a partir dela mesma e não a partir de teorias que falam sobre ela. Nessa perspectiva, estou tentando olhar a criança a partir do seu próprio ponto de vista. Segundo Machado (2010) é um desafio que Ponty define nas pesquisas com crianças, em virtude delas serem polimorfos, onde fantasia e realidade se misturam. Machado (2010, p 22), “por sua vez, cita Ponty para descrever que a criança é polimorfa, pois coexistem nela diversas possibilidades, em todos os âmbitos, inclusive do ponto de vista cultural”.

Assim Pires (2010) nos diz que a cultura não é capaz de sobrepor a todos os indivíduos, mas é forte o bastante a ponto de causar grande confusão na mente das crianças e dos adultos que não enquadram-se no padrão esperado. De maneira que Pires enfatiza que Mead (1963) não congela o conceito de cultura, pois para ela cultura é algo em processo. Desta forma, só pode ser estudado na sua própria dinâmica. Essa dinâmica não é limitada, mas fica mais fácil de ser observada no aprendizado cultural das crianças.

Mesmo assim Pires (*op.cit*) nos alerta que a criança não se resume a ser resultado exclusivo da cultura imposta. A criança também é protagonista nessa mesma cultura, pois ela é agente social. E como agente social ela é agente ativa capaz de requisitar por direitos próprios. Assim é no social que na maioria das vezes a experiência infantil acontece.

Sarmiento (2004) enfatiza que a infância é uma fase do desenvolvimento humano importante para as aprendizagens que futuramente farão parte do conhecimento do indivíduo. O autor nos traz essa informação,

mas nos coloca na dúvida se a aprendizagem tem a ver com modificação comportamental e acúmulo de informação para a vida adulta.

Para Díaz (2011) é importante refletirmos sobre o processo de aprendizagem, não reduzindo a modificação comportamental. Nesta perspectiva, pensemos no que nos alerta o referido autor ao nos dizer que prefere a descrição e não o conceito de aprendizagem que é um dos fenômenos mais complexos da mente humana. O referido autor cita Diego González Serra, seu antigo professor que o dizia: “a essência da aprendizagem consiste no surgimento e modificação do reflexo psicológico da realidade”. Devemos concordar, pois, que ao nos debruçarmos em pesquisas sobre o que é aprendizagem devemos atentar para o fato das relações entre psicologia, educação e cultura.

Díaz (2011), entretanto, alerta que ao aproveitar tal afirmação sobre a modificação como característica primeira da aprendizagem, não o reduz ao comportamento, mas também elucida que as estruturas cognitivas e afetivas como independentes da relação entre interno e externo, pode não acontecer mudança observável no comportamento que é algo externo e sim nas estruturas psicológicas que é algo interno.

Vigotsky e Piaget são citados por Díaz (*op.cit*) por terem destacado a necessária interrelação entre estados internos (do sujeito) e externos (do meio) “para autoconstrução psicossocial das pessoas através de sua aprendizagem em particular” (2011, p 83 -84). No entanto,

A aprendizagem pode ocorrer ‘espontaneamente’ quer dizer proposta pelo próprio sujeito ou em proposta de ensino escolar e familiar, quer dizer proposta por outros sujeitos. No processo de aprendizagem é comum a existência de uma mediação que ocorre a partir de objetos e situações que transformam o sujeito. Também pode ocorrer a partir de signos que anunciam sua presença, principalmente em crianças é observável a função dos signos como mediação, mas não descarta a possibilidade de a criança aprender por si e sem ajuda do adulto ou de outra criança. [...] Em qualquer dessas mediações (externa ou interna), o aprendido (habilidades, valores, informações) sempre têm sua fonte no meio natural-social, isto é, no que é externo ao sujeito; além do que cada pessoa constrói, segundo sua forma própria de construir, combinando seus aprendizados anteriores e os novos e levando em conta suas possibilidades internas, biológicas e/ou psicológicas.

É fato que bem cedo o sujeito começa seu processo de aprendizagem. Na atualidade, com avanço da medicina, é possível encontrar autores e autoras que defendam o processo de aprendizagem a partir da vida já uterina.

Outro aspecto relevante é que o processo não é igual em todas as pessoas. Assim, cada sujeito aprende de forma diferente, pois há relação entre fatores psicológicos e biológicos, além desses com o meio.

Relações de Gênero: uma categoria útil nas infâncias.

A categoria mais densa encontrada na pesquisa em desenvolvimento é relações de gênero. Miranda (2014) pensando nessa categoria, em sua dissertação de mestrado, constrói sua problematização a partir de sua vivência profissional e nos estudos de alguns autores e algumas autoras. Miranda (*op.cit*) nos informa que é na representação do corpo do outro que se constitui positiva ou negativamente, de forma visceral, a identidade social do sujeito. Na escola e como também em Centros de Educação Infantil com seus currículos, metodologias de ensino, materiais didáticos e normas é o lugar de representação das diferenças de gênero, sexualidade, etnia/raça e classe. A biologia, isoladamente como composição anatômica, não pode determinar o pleno desenvolvimento humano. A referida autora citando Levi-Strauss (1982, p. 43) nos traz a seguinte informação:

As crianças selvagens, quer sejam produtos do acaso, quer da experimentação, podem ser monstruosidades culturais, mas em nenhum caso testemunhas fieis de um estado anterior. [...] Assim, é impossível esperar do homem a ilustração de tipos de comportamento de caráter pré-cultural.

Miranda (*op.cit*) diz que é primordial perceber que o autor nos traz a reflexão que não existe uma essência de ser humano, mas que pode existir uma formação ou deformação da cultura ao qual o sujeito encontra-se inserido. Partindo da ideia de Levi-Strauss (*op.cit*) a pesquisadora problematiza que é possível fazer conexão com o conceito de gênero como construção social, a assimetria das relações entre homens e mulheres, que ocorre em toda a sociedade brasileira e que está presente na Educação Infantil. Também faz citação a Saffioti (1992, p. 185) quando evidencia que “gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, como também pode ser um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas”. O corpo é indispensável para definir quais os lugares serão destinados ao corpo de homem e ao corpo de mulher. Essa reflexão é pertinente para medicina, antropologia, sociologia, psicologia, psicanálise e educação. Na verdade, um olhar interdisciplinar.

Joan Scott (1995) é outra autora citada por Miranda (*op.cit*) para descrever gênero como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças aceitas entre os sexos onde estão envolvidas as relações de poder. O conceito de gênero é agregado aos estudos sobre a mulher com o objetivo de relatar que as diferenças localizadas no campo biológico refletem no campo social, estabelecendo as desigualdades entre homens e mulheres.

Nesse sentido, no artigo completo, far-se-á a descrição de dois casos observados por uma das autoras em relação às experiências das crianças que se encaixam na categoria relações de gênero, onde fica evidente que as crianças da primeira infância só enquadram-se em padrões indicados socialmente para homens e mulheres quando são requisitadas por adultos ou por outras crianças. Os casos serão apresentados em

formato de cenas. E, segundo Messeder (2012), as cenas nos envolvem em cenários distintos, quer seja em lugares de grande circulação, quer seja em lugares íntimos.

A perspectiva é trazer o debate proposto a partir do que as crianças revelam em suas experiências.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BRASIL. Referenciais Curriculares Nacionais – Educação Infantil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, DF, 1997. Vol. II.

DÍAZ, Felix. O processo de aprendizagem e seus transtornos. Salvador: EDUFBA, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Natureza e cultura. In: As estruturas elementares do parentesco.

Petrópolis: Vozes, 1982. p. 41-49.

MACHADO, Marina M. Merleau-Ponty & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Tradução MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. 4 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MESSEDER, Suelly A. Quando as lésbicas entram na cena do cotidiano: uma breve análise dos relatos sobre mulheres com experiências amorosas/sexuais com outras mulheres na heterossexualidade compulsória. *Universidade e Sociedade*. DF, ano XXI, n 49, janeiro de 2012. p. 152 – 157. Disponível em <pt.slideshare.net/smesseder/quando-as-lsbicas-entram-na-cena-do-cotidiano-uma-breve-anlise-dos-relatos-sobre-mulheres-com-experincias-amorosas-sexuais-com-outras-mulheres-na-heterossexualidade-compulsria>. Acesso em abril de 2017.

MIRANDA, Amanaiara Conceição S. Gênero/Sexo/Sexualidade: representações e práticas elaboradas por professoras/es da educação infantil na rede municipal de ensino em Salvador. 2014. 166p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador.

PIRES, Flávia. O que as crianças fazem pela antropologia? *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso) v. 34, p. 137-157, 2010

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando Gênero e classe social. In: Costa, a de O & Bruschini, C. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas; 1992. p. 183 – 215.

SARMENTO, Manuel JACINTO. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel J. CERISARA, Ana Beatriz. (Org.). Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Lisboa: ASA, 2004

SCOTT, Joan. W. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. *Realidade & educação*, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, jul./dez. 1995.